

## VISIBILIZANDO A MEMÓRIA DAS FUNDADORAS DO ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL DE GOIÁS

ALLYNE DE SENA NORONHA\*

O presente trabalho pretende trazer a luz os resultados preliminares do projeto “Fontes, teses e publicações sobre gênero em Goiás: catalogação e descrição de acervos”, desenvolvido desde o segundo bimestre do ano de 2012 pela faculdade de História da UFG. O mesmo é coordenado pela professora Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina Eiras Coelho Soares e tem como objetivo realizar um levantamento de fontes que tratem da temática de gênero em Goiânia e cidade de Goiás, mas nada impede que no futuro seja expandido para outros municípios da região.

Estamos mapeando em diversas instituições fontes primárias e secundárias relativas ao feminismo ou relações de gênero. Desta forma, catalogando as mesmas e disponibilizando ao findar do projeto todos os materiais encontrados por intermédio de um banco de dados, acessível a todos por ser online. Viabilizando um formidável fomento de novas pesquisas sobre a temática de gênero no âmbito científico. Possibilitando assim, o engendramento de meios que sirvam como solucionadores dos problemas tributários do desconhecimento de assuntos ligados a gênero, que consequentemente abre espaço a preconceitos incabíveis.

Buscamos uma equalização de personagens e perspectivas no campo da história, pois como se é sabido a maior parte da historiografia até hoje produzida relega o discurso feminino ao inexistente. “Os estudiosos que tratam das ditas “ciências normais”. (LOURO, 1995, p. 11 - 12) usam como argumento – dentre outros - o fato de não há ver fontes que evidenciem a participação da mulher na história, fontes estas que não estão disponíveis, dando-as automaticamente a taxação de inexistentes. É nosso

---

\* Graduanda em História na Universidade Federal de Goiás e Bolsista PIVIC/FH do Projeto: “Fontes teses e publicações sobre gênero em Goiás: catalogação e descrição de acervos”. Orientadora: **Professora Doutora Ana Carolina Eiras Coelho Soares** da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero (GEPEG-FH/UFG) e do Projeto: Fontes, teses e publicações sobre gênero em Goiás: catalogação e descrição de acervos.

dever mostrar que há sim, tais vestígios só carecem ser retirados de dentro de um velho e grande baú, este, protegido por guardiões do esquecimento.

Na história, o esquecer e o lembrar são tidos como uma escolha – muitas vezes elencada de forma não proposital-, ligada ao que é mais importante para o sujeito. Por sua vez, sabemos que o papel da mulher por muito tempo na sociedade ocidental foi o de reprodutora e aleitadora (QUEIROZ, Revista O Cruzeiro 1952, p. 14-15) ou então, o de “cuidadora” da prole, do cônjuge e do lar. Ao contrário do papel masculino, este responsável pelo funcionamento de “tudo”- proteção do país, andamento da economia, mantenedor da família e etc.- fora do privado, ou seja, no público, logo, o realizador do que era “mais importante”, isso explica de certa forma, este ter sido devidamente lembrado e documentado, a mulher? Esta, hoje deve ser evidenciada mediante resquícios que a mesma deixou, não se sabe na íntegra onde, devemos procurar.

Na gênese do projeto – aqui sendo elucidado –, foram levantados locais que poderiam custodiar fontes primárias e secundárias referentes ao feminismo ou relações de gênero, isso devido a tais instituições serem mencionadas em eventos acadêmicos. Estes locais são, por exemplo, bibliotecas, arquivos, museus, dioceses, entidades, ONGs, prefeituras, fóruns e até mesmo acervos pessoais, se porventura vir ao conhecimento durante o andamento do projeto. Mas a catalogação destes acervos só será realizada caso o detentor permita e autorize que a equipe do projeto efetue o processo de análise e catalogação do acervo.

A catalogação está sendo realizada pela bolsista PIVIC e desenvolve nos acervos um esmerado trabalho de seleção de fontes primárias e secundárias, estas condizentes com o perfil procurado, a saber, assuntos ligados ao feminismo especificamente e relações de gênero. Ao encontrar as fontes utiliza-se fichas de catalogação onde são encontrados itens que buscam uma descrição qualitativa e quantitativa da fonte analisada, desta forma tendo a finalidade de funcionalidade para o futuro banco de dados que será forjado no findar da pesquisa, dando aos pesquisadores do tema uma eficaz ferramenta na hora do levantamento de fontes que serão estudadas. Com isso, facilitando o acesso a fontes que são relegadas a inexistência.

No andar do projeto subsidiaremos ações que visem à preservação e valorização das fontes primárias e secundárias, isso no que tange a adequação da estrutura física dos locais que custodiam tais fontes. Isso, para que tais vestígios não sejam extintos pela umidade, por traças, lugares inadequados de organização etc. Afinal, não seria plausível catalogarmos as fontes e deixarmos as mesmas a mercê de suas péssimas condições de arquivação que na maioria das vezes lhes são oferecidas.

Para que possamos dar visibilidade à mulher em Goiás, é preciso que nos travistamos de verdadeiros “detetives”, para que nos mais “inofensivos vestígios históricos” – para muitos desatentos ou não interessados –, seja possível ouvir o grito de mulheres que foram apagadas da história goiana, ou melhor, foram sufocadas e presas no calabouço escuro do esquecimento, talvez, esperando um dia serem libertas para contarem as suas versões dos fatos.

Para que consigamos contemplar a relevância do projeto “Fontes, teses, publicações: catalogação e descrição de acervos” é preciso entender os motivos que o levaram a ser necessário. Observando o insípido número de personagens femininas na historiografia estadual e nacional, queremos trazer ao conhecimento, mulheres que mesmo realizando preponderantes ações no espaço público não foram e não são tidas como importantes para deter uma memória, isto é, em uma sociedade onde os papéis de atuação social foram previamente estabelecidos no decorrer da história mediante a cultura e tradições, torna-se assim, compreensível o fato de uma nova atuação, não ser tida legítima, logo, não merecendo agregação de valor.

O espaço de perspectiva histórica encontra-se demasiado restrito, isso devido atribuir-se o caráter de verossimilhança apenas a uma análise do ponto de vista masculino. Infelizmente a maior parte da história produzida até hoje, conta apenas a versão masculina dos fatos, considerando desta maneira a versão feminina desnecessária ou mesmo nunca chegaram a pensar que a versão feminina poderia ser distinta daquela já muito versada. Contempla-se uma explícita necessidade de se expandir os horizontes das análises historiográficas.

Cientes desta realidade, estamos com muita observância analisando e interrogando os documentos encontrados, sabendo ainda, da profunda tradição patriarcal

que rege as vivências sociais no Brasil atual, e do terrível desconhecimento da temática de gênero não só por acadêmicos, mas também no âmbito das vivências sociais. Estaremos desta maneira proporcionando a possibilidade de pesquisadores e a comunidade em geral um acesso mais profícuo as fontes históricas que tratem de gênero, mas que não são evidenciadas.

Acreditamos que proporcionando aos pesquisadores, funcionais ferramentas de pesquisa – como o banco de dados – acarretaremos um fomento considerável de pesquisas relativas a novas perspectivas históricas, e conseqüentemente, uma ampliação das interpretações dos fatos. Desmistificando desta maneira, verdades que com o passar dos anos assumiram o caráter de “dogmas”, podendo assim, alcançar a grande população e elucidá-la com relação às “verdades” não engessadas sobre as atuações sociais dos gêneros. Estamos escarafunchando os mais variados documentos, no momento com os que são encontrados no Arquivo Histórico Estadual de Goiás com o intuito de visibilizar a participação feminina na construção da história brasileira, evidenciando desta maneira, a participação destas no espaço público. No andamento das catalogações neste local tivemos a oportunidade de conhecer a história de suas fundadoras: Marilda de Godoy Carvalho e Maria Carmem Lisita, que esclareceremos de maneira mais densa no decorrer deste.

### **Visibilizando mulheres, contando histórias: o arquivo histórico estadual de Goiás.**

A origem do Arquivo Histórico Estadual de Goiás, um guardião da memória goiana, remete-se a 1924, quando em consonância com o movimento nacional de valorização das “coisas da terra” iniciada na Semana de Arte Moderna de 1922 foi visível uma abertura em todos os âmbitos sociais a um sentimento nacionalista. Este momento é considerado marcante na história brasileira, pelo fato do mesmo ser responsável por desdobramentos que culminaram no explícito anseio de se conhecer a memória da pátria, tendo assim, a necessidade de se ratificar leis que dessem aos vestígios da história brasileira seu devido valor e importância. Desde então, observou-se em todo o Brasil a organização de instituições que trabalham até os dias de hoje,

arduamente para a proteção da memória nacional, como por exemplo, o SPHAN em 1937.

Com a intensificação dos cuidados com os vestígios históricos brasileiros, foi visível o nascimento de diversos arquivos no panorama nacional, mesmo não possuindo um espaço físico apropriado segundo normas internacionais arquivísticas. Em Goiás não foi diferente, os documentos encontrados em órgãos públicos na cidade de Goiás traziam a memória os acontecimentos históricos desde a colonização da antiga capitania. No entanto, apenas em 1924 houve uma reunião desses documentos em um único lugar, mas como era de se esperar, sem os cuidados que tais fontes careciam. Com a transição da capital para Goiânia em 1937, o arquivo aos poucos foi trazido para a nova capital, sendo que até hoje há uma parte do acervo histórico goiano na cidade de Goiás.

O ano de 1974 foi caracterizado como um período memorável para a história arquivística no estado de Goiás. Pois fora ratificado o decreto nº169, em 31 de julho daquele ano, que transferia toda a documentação histórica do Arquivo do Estado ou Centro de Documentação para o Departamento Estadual de Cultura – hoje Secretaria de Estado e Cultura. Todavia, devido ao formidável número de documentação o mesmo concretizou sua organização somente dois anos após o início de sua instalação, em 1976. Por não haver no estado de Goiás profissionais habilitados na administração de arquivos, foi enviada a São Paulo por determinação de Iara Alves, a historiadora Marilda de Godoy Carvalho e duas outras funcionárias para que as mesmas pudessem em arquivos daquela metrópole adquirir experiência arquivística que seria requisitada no novo Arquivo Histórico Estadual de Goiás. Para entendermos um pouco a trajetória profissional e a importância histórica desta formidável profissional, que por 20 anos foi diretora do arquivo, entendemos ser conveniente que a conheçamos de maneira mais densa.

Marilda de Godoy Carvalho nasceu na cidade de Goiás no dia 11 de abril de 1924, filha de Albatênio Caiado de Godoy que em vida exerceu o cargo de Deputado Federal, Prof. Universitário, escritor, advogado e Secretário de Governo e de Maria Paula Fleury de Godoy, professora e escritora, ambos eram escritores de renome na

literatura goiana e de conhecido mérito nas ciências e nas artes. Marilda efetivou seus estudos iniciais na cidade de Goiás, fora normalista pela Escola Normal Oficial em Goiânia, Samaritana Socorrista de Guerra no ano de 1942. A mesma ainda lecionou na qualidade de professora substituta na Escola Normal Oficial, casando-se posteriormente com o renomado médico Wilson de Carvalho, um dos beneméritos da Santa Casa de Misericórdia de Goiânia, fundada em 1936, com quem tivera muitos filhos.

No ano de 1975, a historiadora Marilda de Godoy Carvalho e duas outras funcionárias foram a São Paulo – como já disse anteriormente-, para conhecerem de forma aprofundada as técnicas ligadas à Arquivologia. Na ocasião, Marilda em fevereiro de 75, visita o Arquivo Municipal e também, o Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana realizando nestes locais inúmeras observações com o intuito de apreensão das técnicas arquivísticas, para que posteriormente pusesse em prática no arquivo goiano. Em junho de 1976, Marilda fez estágio no Arquivo Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, e no período de 18 a 24 daquele mês realizou um relevante curso ministrado por Wilma Schaeffer.

Nesse momento a Superintendência de Assuntos Culturais (Prof. Aldair da Silveira Aires) – preocupa-se com o extenso acervo a ser preservado e trás a Goiânia com o fim de organizar adequadamente todo o acervo e ministrar cursos para os novos funcionários a respeito dos cuidados com os antigos documentos, a Professora Sr. Wilma Shaeffer Corrêa, Chefe de Serviço de Registro e Assistência do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. É importante sabermos os motivos que levaram a escolha do Arquivo paulista para o estágio de Marilda, que de forma nenhuma pode ser considerada aleatória. Isso porque em São Paulo sob o governo do prefeito Washigton Luis realizou-se o primeiro trabalho de impressão da documentação, inclusive, as provindas da época das capitânicas ou mesmo do período provincial. (MARTINS, 2009)

Logo após a instauração do Arquivo Histórico Estadual, a sua sede foi fixada a um prédio na Rua 18 – Centro e depois transferido para outra casa, onde funcionou até o ano de 1981 na Rua 20, no Centro. No ano de 1987 o arquivo ganha sede própria – aprofundaremos no tecer deste. Durante a organização do então Arquivo Histórico Estadual de Goiás, a Diretora Marilda de Godoy enfrentou inúmeros problemas de

cunho estrutural, em entrevista proferida ao jornal O Popular, em 1981 a mesma evidencia tais entraves.

*[...] conta Marilda de Godoi, diretora do Arquivo, que na época, as dificuldades maiores estavam afetadas ao levantamento do acervo documental, sendo que todo o material encontrava-se sob guarda do Estado. (O POPULAR, 1981)*

Observamos com a fala da primeira diretora do arquivo, os problemas enfrentados pelo novo órgão, buscando a reunião de documentos históricos que se encontravam dispersos ou aglomerados sem a categorização e cuidados adequados. Naquele momento de intenso trabalho, ano de 1976, durante a estadia dos técnicos do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, como é o caso da Prof. Wilma Shaeffer Corrêa, em ocasião que a mesma analisava uma grande gama de fontes históricas goianas relativamente bem conservadas, averbou que o bom estado da documentação se dava pela influência do clima seco da região, que de certa forma inibia a ação da umidade, um dos fatores que levam a rápida deterioração do papel, em especial. (FOLHA DE GOÍAS, 1976)

No fenecer do ano de 1977 já se achavam classificados por ordem cronológica e assunto, mais de 160 mil exemplares da massa documental existente até aquele instante – pois muitos ainda se encontram em poder de outros órgãos –, em sua grande maioria, relacionados à administração de governos anteriores. Marilda e sua equipe ministravam cursos sobre a conservação de documentos em órgãos públicos, a mesma por ter experiência com arquivos, técnica essa, adquirida em sua estadia nos estados de São Paulo e Rio do Janeiro em 1975 e primeira metade de 76 – e ressaltando, referências nacionais na questão de arquivização documental.

Marilda considerava necessário que os funcionários que manuseassem documentos tivessem o conhecimento sobre algumas técnicas arquivistas para que assim, o material documental fosse devidamente resguardado. A diretora fundadora do arquivo enfrentou muitos obstáculos para tornar realizado o projeto de funcionamento adequado do novo arquivo histórico, como pudemos observar em sua fala exposta acima, no entanto, conquistou após uma ferrenha luta, uma sede ainda em “caráter provisório” para o funcionamento do arquivo, isso em 1976.

Em sua vida profissional, Marilda foi um exemplo de perseverança, atuou desde sua posse no trabalho de conscientização social referente à valoração de arquivos, mostrando incansavelmente a relevância daquele local para a preservação da memória de um povo. Em abril de 1980 iniciou a circular no estado uma revista intitulada, Revista do Arquivo Histórico Estadual de Goiás, nesta, era explícito o desejo de sua idealizadora, dona Marilda - como carinhosamente era chamada por seus pares - de evidenciar documentos que a muito permaneciam obscurecidos. Tal revista tinha como objetivo, evidenciar a documentação que é de extrema relevância para a história estadual. Infelizmente, por corte de verbas a publicação destas revistas logo foi esgotada, não chegando nem sequer a sua 10ª edição.

Em fevereiro de 1987 Marilda trouxe a luz, um projeto que visava forjar uma Associação dos Amigos dos Arquivos de Goiás (AMAGO), trabalhando arduamente para levar avante a cruzada de defesa da memória histórica de Goiás. Marilda de Godoy Carvalho, fora membro da Academia Tridantina de Letras, cadeira nº 023 - Patrona Maria Paula de Godoy -, membro também, da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás desde 11 de maio de 1994, ocupou a cadeira nº 022- Patrona Ayda Félix de Souza. Fora membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e atuou como conselheira, no Conselho Municipal de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de Goiânia.

Outra importante conquista durante a administração de Marilda, especificamente no ano de 1987, quando após muitos anos de perseverança fora conquistado um local físico adequado a arquivagem, agora própria e permanente. Esta localizada em um antigo estacionamento situado na Praça Cívica. Daquele momento em diante o Arquivo Histórico Estadual de Goiás se instalou em seu próprio local, não tendo mais a necessidade de tormentosas mudanças de prédio que até naquele momento era corriqueiro e causador de muita perda documental, isso devido não haver no estado empresas de transporte adequadas a este tipo de mudança, que demanda uma série de cuidados/atenção para se evitar dano ou perda total do documento.

O prédio está situado na Praça Cívica, nº 2, centro, Goiânia-GO é conhecido por fazer parte da Secult (Secretaria de Estado e Cultura) e ter pertencido à antiga

Agepel (Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira). O Arquivo funciona de segunda à sexta das 8:00h as 12:00h e das 14:00h as 17h45. Daquele momento em diante os documentos puderam usufruir de um ambiente condizente com as condições requeridas em arquivos, para que não haja a proliferação de roedores ou qualquer elemento que favoreça a rápida deterioração das fontes históricas.

Após o afastamento de Marilda de Godoy pelo desta ter se aposentado, a segunda a assumir a direção do arquivo foi Maria Carmem Lisita, esta trabalhou por muitos anos com Marilda, adquirindo empiricamente, a experiência exigida na administração do grandioso acervo. A mesma tomou posse do cargo de diretora em 1994, e deu prosseguimento ao árduo trabalho de sua antecessora. Carmem nasceu no dia 20 de outubro de 1948 na capital São Paulo, filha de José Lisita e Maria A. Calixto. A nova diretora era historiadora, formada pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Curriculum Vitae) realizava paleontologia no acervo, ficou conhecida por sua acurada doação pessoal na administração do arquivo.

Carmem fora contratada pela Secretaria de Educação do Estado para ministrar aulas no ensino primário no dia 04 de março de 1974, no entanto, lotaram-na ao Arquivo Histórico Estadual de Goiás no ano 1976. Desde então, começou a desenvolver no novo arquivo as seguintes funções: papelógrafa – leitura e atualização da ortografia de livros manuscritos do período cultural para efeito de publicação, com artigos já editados; na parte da hemeroteca – desenvolveu o trabalho de fichamento de todo o acervo documental do referido arquivo; participou da elaboração da Revista do Arquivo Histórico Estadual de Goiás juntamente com Marilda de Godoy realizando paleografia. Pela portaria nº 50/08/79, Carmem filiou-se como Assistente Técnico do Convênio Arquivos Histórico Goianos na SEC/ SUDECO no ano de 1979.

A mesma atuou no cargo de Diretora Substituta do Arquivo Histórico Estadual de Goiás nos anos de 1978/1979. Podemos observar claramente a participação efetiva de Maria Carmem Lisita na história do arquivo, e seu importante companheirismo com a sua primeira diretora, Marilda.

Ao tomar Carmem, a posição de diretora do arquivo no ano de 1996 já possuía uma enorme experiência na administração. Há um fato acontecido na história do

arquivo que soou como pitoresco para uns, mas que apenas expressava o desejo de Carmem para se viabilizar o acesso às fontes no órgão. Em uma época que os móveis no arquivo eram escassos, e com a necessidade de se atender pesquisadores, Carmem usou uma grande porta de escritório como mesa, de forma improvisada, claro, para acolher o grande contingente de pesquisadores que precisavam do auxílio de um potencial guardador de fontes, como o Arquivo Histórico Estadual de Goiás (O POPULAR, 1995). Esse ato realizado por Carmem demonstra o real interesse da mesma em facilitar o acesso às fontes naquele local presente, para que houvesse um aumento no número pesquisas, interesse esse herdado de sua mestra, Marilda de Godoy.

Na mesma década de 1990, Maria Carmem Lisita filiou-se a CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos -, exercendo na posição de diretora do Arquivo Histórico Estadual de Goiás uma relevante função no cenário arquivístico nacional. Durante todo o seu trabalho, efetivou inúmeras parcerias com outros arquivos - estaduais, nacional e até mesmo internacionais- que objetivavam elaborar projetos com o fim de aprimorar as atividades arquivísticas, dando aos documentos os devidos cuidados. Isso porque ao chegar ao arquivo tais documentos necessitam de cuidados especiais, como por exemplo, a sua higienização periódica no decorrer da arquivização – como é o caso da assepsia que é extremamente necessária. Pois, tais documentos na maioria das vezes foram sujeitos a um longo tempo de resguardo e acumulando poluentes ou mesmo produtos tóxicos, que serviam para evitar a proliferação de traças, tártaro, fungos e outros.

Dona Carmem permaneceu na diretoria do Arquivo Histórico Estadual de Goiás até fevereiro de 2012, quando veio a falecer. Em seu lugar foi lotado o historiador Alexandre Fernandes Borges, o mesmo por ter permanecido um considerável período em estágios no Arquivo Nacional de Bruxelas adquiriu uma grande experiência que pretende aplicar ao arquivo goiano. Fato interessante a se notar é a meta ainda pensada na administração de sua primeira diretora, Marilda de Godoy Carvalho que só veio a se tornar realidade na administração do atual diretor - isso, pela ineficiência que a extrema burocracia em conjunção ao desinteresse das autoridades acarreta. Referimo-nos ao

sonho de Marilda de modernização do acondicionamento do arquivo, com a digitalização dos documentos lá presentes.

É curioso o inexpressivo número de mulheres que mesmo realizando relevantes papéis no espaço público, como é o caso de Marilda de Godoy Carvalho e de Maria Carmem Lisita, e tantas outras mulheres que contribuíram em demasia na construção da história brasileira, e ainda assim, são concebidas apenas como mães e esposas, dando a entender que sua atuação social fora algo irrelevante, pois seu dever é cuidar do privado.

Devemos a ascensão das mulheres aos grandes cargos, às conquistas feministas que foram intensificadas no século XX, antes desta época seria impossível se falar em diretoras, presidentes mulheres, qualquer função que anteriormente era realizada apenas pelo sexo oposto. Marilda e Maria Carmem foram mulheres que lutaram bravamente pela conservação material da memória goiana. O projeto sendo realizado tem como objetivo evidenciar a memória feminina, o termo “mulheres” deve ser esmiuçado para trazer a luz da história suas integrantes em sua peculiaridade. No entanto, por haver uma inexpressividade de fontes históricas para tornar esta equalização de personagens históricos possível, torna-se clarividente a emergência de meios que possibilitem tal equilíbrio de perspectivas históricas.

Enfim, a história brasileira desde sua gênese está repleta de “Marildas” e “Carmens”, ou seja, mulheres que marcaram seu tempo por serem responsáveis por uma parte da história do Brasil, todavia, por viverem em uma sociedade onde só se encontra valor onde há feitos masculinos, as mesmas foram/são obscurecidas. Onde encontrá-las? Em sua memória, esta escondida nos vestígios que as mesmas deixaram ao morrerem. Cabe a nós evidenciarmos os locais onde estes pedaços da história feminina brasileira se encontram, facilitando desta maneira o trabalho árduo de pesquisadores, que por tratarem da história das mulheres são ainda por determinados cientistas recriminados que consideram tal história uma superficialidade não valorizando a importância de tais estudos.

Somente com a promoção de pesquisas relativas a gênero e de uma simultânea aplicação no âmbito social, teremos uma sociedade consciente de seus

direitos e mais igualitária. De certa forma, estamos levando adiante os objetivos das duas diretoras do Arquivo Histórico Estadual de Goiás, ao visibilizar a memória da mulher goiana por muito tempo relegada ao esquecimento.

*Só o passado pode explicar o presente e esclarecer o futuro. O estado atual do mundo é um problema cuja solução acha-se nos séculos precedentes, e deles cumpre tomar luzes, para prever, preparar e conduzir os séculos que ao nosso se hão de seguir. (Frédéric Ancillon Tableau – Reflexões sobre a utilidade da História. In: Revista do Arquivo Histórico Estadual de Goiás).*

Quando refletimos nesta citação presente em uma das Revistas do Arquivo Histórico Estadual de Goiás do ano de 1985, podemos ter noção do real objetivo inerente aos seus diretores – do Arquivo Histórico Estadual de Goiás. Estes de distintas maneiras procuraram e ainda buscam formas de se proteger as fontes lá presentes, pois os mesmos sabem da importância que aqueles insubstituíveis registros representam para a história, em possibilitar a realização de pesquisas que retratam a memória de uma época remota, onde a mulher era “enclausurada” dentro de casa, devido à ideologia social patriarcal e sem direitos sobre o próprio corpo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

### Fontes:

Arquivo Histórico Estadual de Goiás. Disponível:<

<http://www.secult.go.gov.br/post/ver/139262/arquivo-historico-estadual>> acesso em: 25

Currilum Vitae de Maria Carmem Lisita. Encontrado no Arquivo Histórico Estadual de Goiás

Documentos pessoais de Maria Carmem Lisita. Encontrado no Arquivo Histórico Estadual de Goiás.

Documentação pessoal de Marilda de Godoy Carvalho. Encontrada no Arquivo Histórico Estadual de Goiás.

Dossiê contendo diversas reportagens sobre a história do Arquivo Histórico Estadual de Goiás. Encontrado no mesmo local.

de out. 2012.

CARVALHO, Marilda de Godoy. Apresentação. In: *Revista do Arquivo Histórico Estadual de Goiás*. Goiânia, nº 6, Mar. 1985.

### Referência

ALVES, Branca Moreira e. PINTAGURY, Jacqueline. O que é Feminismo. Abril Cultural/ Brasiliense. 1985.

BURKE, Peter, *A revolução francesa da historiografia. A escola dos Annales. 1929-1989*, São Paulo, Edunesp, 1991.

DEL PRIORE, Mary (ed.), *História das mulheres no Brasil*, São Paulo, Edunesp/Contexto, 1997, pp.11-44.

ELIAS, Nobert. *Os alemães*. In: \_\_\_\_\_. Uma Digressão sobre o Nacionalismo. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1996. P. 117 – 158.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, Maternal e Feminina. Imagens da Mulher na Revista de Educação Physica*. Tese de Doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

GOMES, Angela de Castro. A política Brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: *História da vida privada no Brasil*, Volume 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 09-34.

MARTINS, Ana Luiza. *Construções Permanentes. O Historiador e suas fontes*. Editora Contexto, São Paulo, 2009.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru-SP: Edusc, 2005

PERROT, Michelle. *Minha história das Mulheres*. Editora Contexto, 2007. p. 13-39.

RICOER, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. In: \_\_\_\_\_. *A Memória Executiva: Uso e Abuso*. Campinas. Editora Unicamp, 2007. P. 71 – 104.

SANDES, Noé Freire. *Nação, políticas de Saúde e identidade (1920-1960)*. Coleção Quíron. Goiânia: Ed. UFG, 2002.

SARTI, Cynthia Andersen. Estudos Feministas. In: *O Feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória*. Florianópolis, 2004, Editado por UFRJ, p. 35-50.

SCOOT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre.v. 15. nº. 2, Jul/dez. 1990. P. 71 – 99.

SEVCENKO, Nicolau. (org). *História da vida privada no Brasil*, Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Femininos regulados, masculinos veiculados: um estudo histórico do código civil e da imprensa no início do século XX*. Seminário Internacional Fazendo Gênero9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SOIHET, Rachel. Mulheres na Ciência. In: *História das mulheres e relações de gênero: debatendo algumas questões*. SBPC/Labjor. 2003

WIDHOLZER, Nara. A publicidade como pedagogia cultural e tecnologia cultural: abordagem linguístico-discursiva. In: *Gênero em discursos na mídia*. (Orgs):\_\_\_\_\_. FUNCK, Susana Bosnéo. Florianópolis, Editora Mulheres. 2005. p. 17-52.

YATES, A. Frances. *A Arte da Memória*. In:\_\_\_\_\_. As Três Latinas da Arte Clássica da Memória. Campinas. Editora Unicamp, 2007. p. 17 – 45.